

**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

MORENO ALBUQUERQUE DE BARROS

**ESFERA PÚBLICA *ONLINE* E O BLOG BIBLIOTECÁRIOS SEM
FRONTEIRAS**

**NITERÓI
2006**

MORENO ALBUQUERQUE DE BARROS

**ESFERA PÚBLICA *ONLINE* E O BLOG BIBLIOTECÁRIOS SEM
FRONTEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Lúcia Rebel Gomes

**NITERÓI
2006**

MORENO ALBUQUERQUE DE BARROS

**ESFERA PÚBLICA *ONLINE* E O BLOG BIBLIOTECÁRIOS SEM
FRONTEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sandra Lúcia Rebel Gomes
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Campos
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Prof. Dr. José Maria Jardim
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**NITERÓI
2006**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia existir antes do meu encontro com algumas pessoas. Meus agradecimentos à Viviane Silva, Diego Abadan, Tiago Murakami, Dener Anjin, Gilberto Américo e Iara Vidal, por terem me adotado no BSF e terem sido os responsáveis pela criação da biblioblogosfera brasileira.

Ao meu mestre autodidata Fabiano Caruso, que foi o primeiro a me mostrar que os blogs eram coisa de pessoas inteligentes.

Aos grandes amigos da ExtraLibris, Alex Lennine e Gustavo Henn, os melhores professores que eu tive nos últimos meses.

Aos companheiros Roosevelt Lins e Hebbert Farias, me ensinaram que grandes tecnólogos podem ser excelentes bibliotecários.

Agradeço especialmente à minha orientadora e professora Sandra Rebel Gomes, por sua sensibilidade com os graduandos e admirável postura profissional e acadêmica.

"A man of ordinary talent will always be ordinary, whether he travels or not; but a man of superior talent (which I cannot deny myself to be without being impious) will go to pieces if he remains forever in the same place."

Wolfgang Amadeus Mozart

RESUMO

Esta monografia parte do conceito de “esfera pública” conforme Jürgen Habermas, para promover o entendimento dos blogs como ferramentas potenciais para a criação e manutenção de uma esfera pública *online*. Verifica se o blog Bibliotecários Sem Fronteiras pode ser considerado uma esfera pública *online* com temática em Biblioteconomia e Ciência da Informação, partindo de sua descrição e o detalhamento das normas sociais que se aplicam a ele.

ABSTRACT

This work is based on the concept of “public sphere” proposed by Jürgen Habermas, in order to promote the understanding of blogs as potential tools for the creation and maintenance of an online public sphere. It verifies if the blog *Bibliotecários Sem Fronteiras* can be considered an online public sphere with focus on Library and Information Science, given its description and social norms applied.

LISTA DE ABREVIATURAS

BSF – Bibliotecários Sem Fronteiras

HTML – Hypertext Markup Language

RSS – Really Simple Syndication, Rich Site Summary ou RDF Site Summary

URL – Uniform Resource Locator

XML – Extensible Markup Language

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.10
CAPÍTULO 1–BLOGS: HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	p.15
1.1 Caraterísticas gerais e técnicas	p.16
1.2 Tipologia de blogs	p.22
1.3 Escrita em blogs, autoridade e comunidade.	p.20
1.4 Escrita em blogs comparada à escrita acadêmica	p.23
CAPÍTULO 2 - BLOGS E BIBLIOTECÁRIOS	p.26
2.1 Utilização e Aplicação	p.26
2.2 Referência digital colaborativa	p.29
2.3 BSF – Bibliotecários Sem Fronteiras	p.30
CAPÍTULO 3 - PRECEITOS TEÓRICOS: HABERMAS, ESFERA PÚBLICA E BLOGOSFERA	p.41
3.1 BSF como esfera pública	p.45
CONCLUSÃO	p.49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.52
Obras Citadas	p.52
Obras Consultadas	p.56

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos em anos recentes produziram sistemas com qualidades inteiramente novas na Internet. Apesar de aplicações similares terem existido no passado, os novos desenvolvimentos possuem características distintas dos precursores e permitem novas aplicações. A característica comum é que nesses ambientes, o conteúdo e a estrutura não são, necessariamente, determinados por profissionais ou fornecedores de informação “tradicionais”. Tanto o conteúdo como a estrutura, são definidos pelos indivíduos da comunidade participante. Hoje, a Internet permite que pessoas comuns (ainda que somente aqueles situados em um lado da divisão digital¹) expressem suas próprias vozes com regularidade, e em alguns casos, alcançar reconhecimento. Nesse sentido, os blogs podem ser entendidos como uma marca de emancipação. A busca por expressão por parte daqueles marginalizados na esfera pública é facilitada por *softwares* que permite centenas de milhares de pessoas a publicarem sobre suas vidas, independente das suas motivações para tanto, e da forma de seus diários.

Esta monografia parte do conceito de “esfera pública” conforme Jürgen Habermas, para promover o entendimento dos blogs como ferramentas potenciais para a criação e manutenção de uma esfera pública *online*. O termo esfera pública, como aparece no contexto desta monografia, é extraído do estudo de Habermas (1984), “Mudança estrutural da Esfera Pública”. Nesse trabalho, Habermas descreve como a esfera pública evoluiu e se transformou, de uma esfera legítima de debate

¹ Aqueles que possuem acesso à Internet, considerando principalmente acesso com alta velocidade de transmissão de dados, uma premissa para a total participação e aproveitamento dos recursos que a Web oferece atualmente.

racional-crítico e ação entre pessoas privadas, para uma esfera de opinião não-pública gerada em grande parte pelos meios de comunicação de massa. De acordo com Habermas, o melhor exemplo de uma esfera pública efetiva é a esfera pública burguesa do final do Séc. XVIII (p.33). Apenas nesse momento na história a esfera privada se emancipou dos domínios da autoridade pública em uma extensão que a esfera política pública poderia alcançar seu completo desenvolvimento.

Partindo de um levantamento da literatura acerca da esfera pública *online* e da blogosfera (a esfera composta por todos os blogs presentes na Internet), esta monografia tem como objetivos gerais, demonstrar (com base na literatura levantada) que os blogs representam um resgate do conceito de esfera pública de Habermas e verificar se o blog “Bibliotecários Sem Fronteiras” pode ser considerado uma esfera pública *online*, partindo de sua descrição e o detalhamento das normas sociais que se aplicam a ele.

Como objetivos específicos, podemos discriminar os seguintes: verificar os preceitos teóricos da esfera pública de Habermas; caracterizar a tipologia dos blogs; analisar de que forma os bibliotecários fazem uso dos blogs e, finalmente, realizar um estudo sobre o blog Bibliotecários Sem Fronteiras à luz do mencionado conceito de esfera pública de Habermas.

Acreditamos que este trabalho se justifica por diversas razões. *A priori*, podemos afirmar que ainda não existem no Brasil muitas pesquisas científicas realizadas acerca dos blogs, apesar de o número de publicações

sobre estes estar crescendo consideravelmente². Estudiosos de diversas áreas e disciplinas estão escrevendo sobre blogs e a blogosfera, abordando tópicos que variam da análise da conversação (Schittine, 2004) a comunidades virtuais (Recuero, 2003). É notável que a maioria das pesquisas explora as possibilidades da aplicação dos blogs à uma certa especificidade, como por exemplo, ferramentas para educação ou sistemas empresariais. Entretanto, a maioria das descrições dos blogs - as primeiras definições, alguns anos atrás, quando estes passaram a ser assunto de interesse do jornalismo e de estudos científicos - era fornecida pelos próprios “blogueiros”. O problema nesse sentido é que as descrições baseavam os blogs em um único ambiente, desconsiderando todos os outros tipos de blogs que possuíam capacidades diferenciadas. Herring et al (2004) mostraram através de um estudo empírico que diversos aspectos apresentados em definições dos blogs não representavam o grupo dos blogs por completo, já que existem subculturas com diferentes padrões. Os blogs profissionais utilizam a ferramenta de maneira completamente distinta do que os adolescentes fazem, por exemplo.

Consequentemente, considerando a ausência de uma pesquisa sólida sobre blogs dentro da área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação brasileira³, decidimos basear este trabalho em experiências pessoais, bem como posicionar as análises e experiências do uso de blogs a partir de um esboço teórico que observa a esfera que comporta os blogs, a sua tipologia

² Levantamento realizado na máquina de busca para artigos acadêmicos Google Scholar (www.scholar.google.com.br), em junho de 2006, recuperou apenas 316 artigos em língua portuguesa que contenham menção à palavra “blog”. O número pula para 9.000 quando pesquisado pelo termo “blog” em artigos acadêmicos em qualquer língua.

³ Levantamento realizado no Google Scholar, em junho de 2006, pelo termo “blog”, associado ao termo “biblioteconomia”, recuperou 15 artigos com menção aos descritores – as 4 primeiras obras do próprio autor. Levantamento realizado no Google Scholar pelo termo “blog”, associado ao termo “ciência da informação”, recuperou 26 artigos com menção aos descritores – as 4 primeiras obras do próprio autor.

e os padrões de produção e difusão da informação dentro deste veículo, especificamente no blog *Bibliotecários Sem Fronteiras*. Esse universo teórico é uma premissa também para que o trabalho não consista apenas em uma obra descritiva e corra o risco da generalização em torno das descrições provenientes de um blogueiro (o autor), além do que dá margem para a ampliação das direções a serem cobertas dentro do escopo do trabalho. É possível também que o trabalho contribua para levantar novos estudos e discussões sobre a aplicabilidade dos blogs dentro das práticas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, seja por parte dos estudantes, acadêmicos ou profissionais.

A construção dessa monografia está fundamentada nos seguintes procedimentos metodológicos:

1. Levantamento da literatura acerca do conceito de esfera pública e análise dos preceitos teóricos;
2. Pesquisa bibliográfica levantada exclusivamente nas bases virtuais de periódicos científicos, e preferencialmente aquelas que contemplavam periódicos estrangeiros, já que a literatura especializada sobre o assunto é similar ao objeto de estudo: extremamente veloz. Isso significa que, como os blogs já são fenômenos consolidados em países como Estados Unidos e Espanha, era primordial que se levantasse as abordagens acerca da temática onde ela já se faz mais presente;
3. Levantamento da literatura não especializada, que consiste de descrições e análises de blogs publicadas por seus autores e membros da comunidade blogueira;
4. Estudo exploratório sobre o blog “*Bibliotecários Sem Fronteiras*”, através das experiências pessoais e entrevistas via e-mail com os seus editores;

5. Desenvolvimento dos argumentos que explicam que o blog Bibliotecários Sem Fronteiras possui as características que permitem que o conceito de Esfera Pública de Habermas o defina.

O trabalho está dividido em três capítulos principais. O primeiro fornece um breve histórico e descrição dos blogs, contemplando suas características gerais e técnicas, tipologia e as distintas formas de escrita. O segundo apresenta as aplicações dos blogs na área profissional da Biblioteconomia, bem como o blog Bibliotecário Sem Fronteiras. O terceiro revê o conceito da esfera pública de Habermas e os preceitos teóricos da blogosfera, aplicando-os ao blog Bibliotecários Sem Fronteiras, caracterizando-o, assim, como uma esfera pública *online*.

CAPÍTULO 1 – BLOGS: HISTÓRIA E DEFINIÇÃO

Jon Barger foi o editor do blog original⁴ e concebeu o termo - “weblog⁵” - em 1997, definindo-o como uma página da Web onde um diarista (da Web) relata todas as outras páginas interessantes que encontra. O termo foi alterado por Peter Merholz⁶, que decidiu pronunciar “wee-blog⁷”, que tornou inevitável o encurtamento para o termo definitivo “blog”. Blood (2004), pioneira no uso de blogs, relatou suas experiências, explicando que em 1999, os blogs eram distintos tanto em forma como conteúdo das publicações periódicas que os precederam (*e-zines* e *journals*). Eles eram rudimentares em *design* e conteúdo, mas aqueles que os produziam achavam que estavam realizando algo interessante e decidiram ir adiante. Os blogueiros referenciavam entradas interessantes em outros blogs, normalmente adicionando suas opiniões. Créditos eram concedidos a um blogueiro individual quando outros reproduziam os *links* que este havia encontrado. Devido à freqüente interligação entre os blogs existentes na época, os críticos chamaram os blogueiros de incestuosos, que por sua vez sabiam que amplificavam as vozes uns dos outros quando criavam *links* entre si. E assim a comunidade cresceu. Os blogueiros pioneiros trabalharam para se tornar fontes de *links* para material de qualidade, aprendendo a escrever concisamente, utilizando os elementos que induziam os leitores a visitar outros sites.

O panorama mudou quando, naquele mesmo ano de 1999, diversas empresas lançaram *softwares* desenvolvidos para automatizar a publicação

⁴ <http://www.robotwisdow.com>

⁵ Em inglês, diário da web

⁶ <http://peterme.com>

⁷ Em inglês, uma alusão à “nós blogamos”

em blogs. Um destes *softwares*, chamado Blogger⁸, apresentava enorme facilidade para publicação de conteúdo, e com a sua interface privilegiando a escrita espontânea, foi adotado por centenas de pessoas. O conhecimento tecnológico para manutenção de uma ferramenta para publicação na *Web* passou a não ser mais um requisito. A estrutura técnica era gerenciada pela empresa, que também oferecia a criação de blogs a custo zero, assim como os valores agregados: um item em um blog possui valor de produção irrisório comparado com o de um artigo veiculado na grande mídia.

Essa adoção em massa, e a não utilização dos *links* como o elemento central da forma, causou controvérsia na comunidade original blogueira. Eles acusavam os blogs gerados pelos novos *softwares* de serem simplesmente diários, e não blogs – e o que representava os blogs “de verdade” eram os *links*. Alguns achavam que com a seleção criteriosa e justaposição de *links*, os blogs poderiam se tornar uma importante nova forma de mídia alternativa, agregando informações oriundas de diversas fontes, revelando diferentes pontos de vista e talvez, influenciar a opinião em larga escala – uma visão chamada “mídia participativa” (BLOOD, 2004).

Mas a mensagem passou a modelar o meio. No início de 2000, Blogger introduziu uma inovação – o *permalink* – que transformaria o perfil dos blogs. Os *permalinks* garantiam a cada publicação em um blog uma localização permanente - uma URL – que poderia ser referenciada. Anteriormente, a recuperação em arquivos de blogs só era garantida através da navegação livre (ou cronológica). O *permalink* permitia então

⁸ <http://blogger.com>

que os blogueiros pudessem referenciar publicações específicas em qualquer blog. Em seguida, *hackers* criaram programas de comentários aplicáveis aos sistemas de publicação de blogs que ainda não ofereciam tal capacidade. O processo de se comentar em blogs significou uma democratização da publicação, consequentemente reduzindo as barreiras para que leitores se tornassem escritores.

A blogosfera, termo que representa todos os blogs, ou os blogs como uma comunidade ou rede social (Wikipedia, 2006), cresceu em ritmo espantoso. Em 1999 o número de blogs era estimado em menos de cinquenta; no final de 2000, a estimativa era de poucos milhares. Menos de três anos depois, os números saltaram para algo em torno de 2,5 a 4 milhões (DREZNER e FARREL, 2004, p.5). Atualmente existem cerca de 30 milhões de blogs, de acordo com o estudo State of Blogosphere⁹. O estudo revela que a blogosfera aumentou em 60 vezes nos três últimos anos e que atualmente ela tende a dobrar a cada seis meses. Esse aumento significativo no número de blogs ao longo dos anos, fez com que a grande mídia desse maior importância ao fenômeno: entre 1995 e 1999 apenas onze artigos jornalísticos sobre blogs foram publicados. No ano de 2003, 647 artigos foram publicados (DREZNER e FARREL, 2004, p.5).

Provavelmente a maior diferença entre os blogs e a mídia tradicional é que os blogs compõem uma rede baseada em ligações - os *links*, propriamente. Todos os blogs por definição fazem ligação com outras fontes de informação, e mais intensamente, com outros blogs. Muitos blogueiros mantêm um "*blogroll*", uma lista de blogs que eles frequentemente lêem ou admiram, com *links* diretos para o endereço

⁹ <http://www.sifry.com/alerts/archives/000419.html>

desses blogs. Os *blogrolls* representam um excelente meio para observar os interesses e preferências do blogueiro dentro da blogosfera; os blogueiros tendem a utilizar seus *blogrolls* para ligar outros blogs que compartilham os mesmos interesses.

Como percebemos, alguns elementos estão presentes em todos os blogs, o que permitiu a criação de um glossário específico: o autor do blog é chamado de blogueiro; as inserções textuais são chamadas de *posts* ou entradas; os *links* que referenciam os *posts* individualmente são chamados de *permalinks*; e o ato de blogar se chama *blogging*.

1.1 Características gerais e técnicas

De acordo com Winer (2003), os blogs apresentam as seguintes características:

1. Personalização - são desenvolvidos para serem utilizados por uma única pessoa, expressando personalidade individual (também podendo ser utilizados para colaboração entre diversas pessoas);
2. Baseados na Web - podem ser frequentemente atualizados, são fáceis de manter e acessíveis em qualquer computador com conexão à Internet;
3. Automatizados - as ferramentas de publicação para blogs auxiliam o autor a apresentar suas palavras de forma atrativa, e até distribuí-las.
4. Criam comunidades - os blogs podem fazer ligações entre si, permitindo a troca de idéias e estimulando a geração e compartilhamento do conhecimento.

Ito (2004, p.7) indica que apesar de tecnicamente similares, os blogs diferem das páginas *Web* tradicionais em alguns aspectos. Blogs envolvem o uso de ferramentas de gerenciamento do conteúdo, o que torna muito mais simples a inserção de entradas, que em consequência aumenta o número e frequência de publicações. Os *posts* geralmente são itens pequenos com uma variedade de tipos de informação – texto, fotografia, áudio e vídeo. Essas entradas (*posts*) são normalmente consideradas objetos dinâmicos em forma de relatos/referência, de onde a estrutura do blog irá extrair grande parte de sua extensão. Os *posts* são relacionados, dentro da estrutura do blog, com uma quantidade de elementos. Esses elementos poderão servir inúmeros propósitos – desde algo simples como gerar um selo de data para um determinado *post*, até fornecer um mecanismo para conduzir um *post* para um agregador RSS.

Alguns sistemas possuem um protocolo que suporta a interligação interativa. Em adição ao conteúdo HTML, os blogs geram arquivos XML baseados em um protocolo padrão para distribuição, chamado RSS, que permite que outros computadores recebam atualizações de blogs através de clientes especiais agregando o conteúdo distribuído em RSS – como o Bloglines¹⁰. Estes agregadores de conteúdo constantemente varrem os blogs favoritos do usuário atrás de novos *posts*. Quando novas entradas são publicadas no blog, uma notificação pode ser enviada para serviços como weblogs.com¹¹, que realiza verificações de atualizações em blogs praticamente em tempo real. Essa informação também é usada por uma variedade de novos serviços para geração de meta-informação sobre blogs.

¹⁰ Acessível em: <http://bloglines.com>

¹¹ Acessível em: <http://weblogs.com>

Um desses serviços, Digg¹², rastreia blogs por um meio de um sistema de citações e cria um renque de acordo com o número de indicações que cada blog recebe.

Juntamente com as palavras, a aparência visual dos blogs é importante. Existem *templates*¹³ padrões que são utilizados por muitos blogueiros. Alguns ajustam estes *layouts* ou criam seus próprios *designs*. Entretanto, mesmo os *layouts* mais personalizados são feitos a partir de elementos presentes na maioria dos blogs. A página é quase sempre dividida em duas ou três colunas, nelas podendo existir uma descrição do blog, as categorias das publicações divididas em seções, *links* para os arquivos dos *posts* publicados em meses anteriores e *links* para outros blogs que o autor lê. Os *posts* propriamente também são personalizados. Eles podem incluir data e hora de publicação, assinatura (“publicado por”) e mecanismos para referência. Muitos blogueiros e blogs comunitários participam de redes de compartilhamento, e então apresentam etiquetas especiais no *layout* do blog que representam as suas alianças, permitindo que os leitores acessem. A maioria dos blogs possui pouca ou nenhuma imagem, mas outros mais incrementados se baseiam em *designs* que privilegiam a navegação visual.

As tecnologias associadas aos blogs foram se aprimorando ao longo dos anos. Hoje, os autores de blogs (e *websites*) são capazes de disponibilizar um sistema visual dos *tags* que representam seu conteúdo, chamado *tag cloud*. Os *tags* são os descritores associados a um item/documento com fins de classificação baseado na folksonomia. A

¹² Acessível em: <http://digg.com>

¹³ Ferramenta que separa o conteúdo da apresentação em um website; a parte visual.

folksonomia por sua vez é um sistema de identificação que permite que os usuários categorizem conteúdo na Internet, sejam páginas, fotografias ou *links* – um sistema livre de classificação. O *tag cloud* é o resultado visual de todos os *tags* associados ao conteúdo do blog: os *tags* com maior incidência são apresentados num formato tipográfico maior do que aqueles com menor incidência dentro do conteúdo.

Alguns *sites* criam renques dos blogs mais populares e listam aqueles atualizados mais recentemente (por exemplo, Technorati¹⁴). Quando um número considerável de blogueiros começa a criar alguma coisa ou promover algo, um outro grupo de pessoas passa e se preocupar em construir ferramentas para automatização – consequentemente tornado a atividade mais popular. Nos últimos meses o blogueiros têm experienciado novas maneiras de empregar elementos existentes nos blogs em redes sociais mais formais. Dentre eles: *del.icio.us*¹⁵, um *software* social com base na *Web* que armazena e compartilha os *links* de seus usuários. Os usuários são capazes de compartilhar e divulgar os *links* que consideram favoritos e mais interessantes. Um sistema de categorização não hierárquico de palavras chave é utilizado no *del.icio.us*, onde os usuários podem classificar seus favoritos com um número de descritores escolhidos livremente (folksonomia). Muitas pessoas utilizam os RSS *feeds* do *del.icio.us* para publicarem *links* diretos em seus blogs. *Flickr*¹⁶ é um serviço *online* de armazenamento e compartilhamento de fotografias, e foi um dos primeiros sites a permitir a integração de seu repositório aos blogs de seus associados. Desta forma, um blogueiro que possui uma conta no Flickr, pode enviar para publicação instantânea no blog, fotos

¹⁴ <http://technorati.com>

¹⁵ <http://del.icio.us>

¹⁶ <http://flickr.com>

armazenadas nos servidores do sistema. Também utiliza folksonomia como sistema de classificação. *Youtube*¹⁷ é um site que permite o *upload* de vídeos e distribuição livre na Internet. Atualmente, cerca de 100 milhões de vídeos são assistidos diariamente no *site*¹⁸, muitos destes apresentados nos blogs, que permitem a popularização ou emergência de um determinado vídeo dentro da comunidade.

1.2 Tipologia de blogs

Blood (2000), pioneira no movimento dos blogs, catalogou alguns tipos dos blogs existentes na época de sua explosão, em meados de 1999, indicando que o modelo clássico então era o filtro, um tipo de blog que seleciona conteúdo da *Web* por meio de critérios – normalmente de interesse do autor do blog -, sendo em essência uma coleção de *links* que apontam para *websites* e páginas, geralmente acompanhado de uma descrição do *link* e a razão de ser interessante. Em contraposição, existe o blog com modelo de diário, geralmente atualizado diversas vezes ao longo de um dia, coletando os registros dos pensamentos do autor: algo que ocorreu no caminho ao trabalho, notícias sobre o final de semana ou uma breve reflexão sobre um assunto ou problema.

Knauss (2006) argumenta sobre a existência de dois tipos de blogs. O primeiro, os blogs referênciais, são aqueles onde o autor utiliza o *link* como a sua unidade fundamental de circulação, construindo *posts* em torno de idéias e experiências geradas em outros locais: “veja isso”.

¹⁷ <http://youtube.com>

¹⁸ <http://oglobo.globo.com/online/tecnologia/plantao/2006/07/16/284884029.asp>

Blogueiros referenciais reportam, distribuindo indicações e pedaços de informação, pensamentos ou entretenimento acontecendo dentro da *Web*. Eles podem - e fazem – adicionar sua própria informação, pensamento ou entretenimento aos *links* que revelam (extrapolações, justaposições, ensaios longos e pessoais), mas a direção transparente de seu foco permanece como sua característica distinta. O segundo tipo é referente aos blogs experienciais, onde o autor é direcionado por suas próprias introspecções, criando entradas a partir de experiências e opiniões pessoais: “que tal isso?”. Eles são contadores de histórias (ou chatices), produzindo o que quer que eles tenham a oferecer dentro de suas perspectivas. Eles podem – e fazem – adicionar *links* para informação explicativa ou de suporte, e até fontes externas únicas e desconhecidas. Mas sua motivação, seu ímpeto, surge de um desejo de fornecer narrativa, e não referenciá-la. E entre os dois tipos, não há como apontar um melhor que outro. Kottke *apud* Denton (2006), defende a idéia de que a evolução natural dos blogueiros é do *blogging* para edição, não para a escrita.

1.3 Escrita em blogs, autoridade e comunidade

Os blogs são escritos continuamente e publicados sem revisão. Algumas vezes os blogueiros revisam os *posts* posteriormente e decidem republicá-los. Outros blogueiros tornam um princípio a limitação da revisão, preferindo a “immediatez” da primeira expressão de um pensamento. A publicação instantânea encoraja a escrita espontânea mais do que um pensamento cauteloso sobre os argumentos. Essa permissão para a escrita espontânea liberta os autores da expectativa de que a sua escrita precisa ser perfeita e precisa.

O ato de blogar pode ser um excelente método para alguém desenvolver e manter uma voz clara e confiante, e a habilidade de formular e ser fiel às suas próprias opiniões. Enquanto que os blogs pessoais podem ser cheios de inserções que só o autor ou leitores íntimos são capazes de compreender, os *posts* em geral precisam ser formulados de maneira clara, se a intenção é a que sejam lidos por outras pessoas. A escrita em blogs é um confronto entre os argumentos e opiniões de um autor, e a maneira como eles são refletidos nas palavras dos outros. As discussões são muito mais abertas e também mais permanentes do que discussões em um seminário ou conferência. O blog é um arquivo permanente (desde que o autor preserve seus arquivos e o servidor permaneça *online*) e passível de pesquisa. O que é publicado em um blog pode ser citado e discutido em qualquer fórum.

Os blogs reverterem um sistema de geração de autoridade e consequentemente credibilidade no sentido de que um modelo de transmissão de informação e comunicação partindo de um só fornecedor para muitos receptores, já não é compatível com as demandas dos receptores de hoje. Assim, as pessoas com maior sensibilidade para as transformações dentro desse modelo de transmissão decidiram fazer uso pessoal de ferramentas que o jornalismo e o sistema editorial acadêmico utilizam em maior escala há anos.

As entradas nos blogs possuem uma similaridade baseada na autoridade comum, não em conteúdo comum. Em outras palavras, o autor do conteúdo é aquele que controla a publicação, e o sentimento de autoridade faz parte da experiência de blogar. Os blogueiros escrevem

sobre uma variedade de tópicos e categorizam seu conteúdo como querem, em contraste com uma lista de discussão, onde o desvio dentro de um tópico predefinido normalmente desagrada e pode resultar em censura. Ainda, os blogueiros possuem controle sobre a estrutura dos *posts* individuais. Em uma lista de discussão, os usuários normalmente são forçados a se adequar a um esquema de qualificação ou outros conjuntos de atributos.

Um problema com os blogs é que apesar de suas características interativas, eles se apresentam ao público como uma coleção de textos fixos, estáticos; mesmo que os usuários sejam livres para adicionar comentários, eles não são autorizados a modificar os *posts* do autor. Essa é uma razão de algumas pessoas defenderem as listas de discussões em contraposição aos blogs. Porém, ainda que as listas de discussões preencham função similar aos blogs, possibilitando um grande número de pessoas a participarem de um fórum informal, uma única pessoa ou um pequeno grupo pode produzir um blog, o que dá a eles uma capacidade de estruturação mais individual, e geralmente mais centrada do que as listas de discussão. Com a habilidade de se comentar em histórias construídas no *software*, o emaranhado de comentários estará sempre disponível aos leitores, sendo que, diferentemente das listas de discussão, o leitor poderá escolher um assunto de interesse específico, não sendo necessário ter de percorrer todo o conteúdo da lista e “deletar” e-mails indesejados. As listas de discussões parecem ser, como os encontros acadêmicos, mais úteis como um ambiente para explorar e formular problemas, do que propriamente resolve-los.

Devemos ressaltar que na maior parte dos casos, a cultura da blogosfera é focada em interações da comunidade local entre um pequeno número de blogueiros. Membros da comunidade informal podem apontar aos blogs de outros em um *blogroll*. Kumar et al (2002) explica que geralmente, essa seqüência de respostas ocorre durante uma explosão de alta atividade quando um tópico interessante surge, se torna notório, e então retrocede. Dentro de uma comunidade de blogueiros interagindo, um tópico qualquer pode se tornar o sujeito de intenso debate por um período de tempo e então ser reduzido. Estas explosões de atividade são classificadas através da quantificação de troca de *links* entre os blogs envolvidos, dentro de um intervalo de tempo.

No lado positivo, os blogs facilitam a rápida transmissão de informação, já que as pessoas podem facilmente publicar comentários e alertas em tempo real. O lado negativo é que os blogs também facilitam a rápida transmissão de “má informação”, ou informação proveniente de fontes não confiáveis. O fato de que qualquer pessoa pode criar um blog levanta as mesmas questões que especialistas têm se preocupado por longos anos, particularmente com respeito à informação científica na *Web*: quem é a fonte de informação? A fonte é confiável? Alguns blogueiros, mesmo com credibilidade, relutam em revelar suas identidades, particularmente se os seus pontos de vista online podem afetar suas vidas “reais”. Isso reforça o fato de que é responsabilidade maior do leitor separar opiniões de fatos e fatos de opiniões.

De qualquer forma, esta discussão nem estaria acontecendo se não houvesse a preocupação efetiva com o que é publicado nos blogs. O que ocorre é que existe uma comunidade gigantesca capaz de “fiscalizar” o

conteúdo. Uma má informação publicada em blog, que ganha notoriedade, é passível de ser contestada pela comunidade, que poderá contar com especialistas sobre o tópico abordado. Uma má informação então pode passar por avaliação dos leitores e ser descartada e o seu autor considerado uma fraude.

Os melhores blogs normalmente oferecem um prisma pessoal que combina referências para fontes de informação confiáveis com uma escrita subjetiva, pessoal. Os blogs representam a publicação pessoal, enquanto as pessoas compartilham assuntos de interesses diversos. O fator de serendipidade¹⁹ exerce grande papel, já que os blogs desvendam o desconhecido, o bizarro, a novidade, que poderiam permanecer escondidos. Quanto mais pessoas passam a participar da blogosfera, maior será a confiabilidade nos blogs para a construção de um universo de transmissão informacional.

1.4 Escrita em blogs comparada à escrita acadêmica

Considerando suas características democráticas, os blogs enfrentam as noções tradicionais de autoridade e os critérios de legitimidade acadêmica, e enfatizam um aspecto progressivo na escrita que na maior parte das vezes é ignorado pela imprensa comercial e acadêmica: ao invés de comunicar o texto como um produto de um longo e denso debate racional-crítico, o texto típico de blog meramente representa o produto de um pensamento gerado espontaneamente.

¹⁹ acaso feliz, aleatoriedade

A pesquisa deve estar supostamente relacionada com tópicos atuais, e que de preferência, levem aos resultados que poderão gerar novas aspirações dentro do maior grupo de especialistas possível. Mas a fórmula da escrita acadêmica não é desenhada para alcançar audiência diferente do que os próprios acadêmicos. Ao contrário, essas formas “ritualizadas” limitam a leitura para aqueles que são rigorosamente treinados para ler certo estilo de escrita. Uma característica singular da escrita acadêmica é a prática rigorosa e formal da citação. Em sua superfície, os blogs parecem populares, no sentido de que as referências são aleatórias e variam de *links* para descrições escritas, a menções casuais das fontes. Na verdade eles frequentemente referem tão explicitamente quanto os textos acadêmicos, apesar de mais simples, como por exemplo, um *link* direto para uma página de um livro disponível na Internet. Os blogs são escritos de forma que compartilhem experiências ao invés de apenas apresentá-las, e para isso os leitores precisam ser capazes de encontrar livros, música ou *websites* mencionados. Enquanto que a escrita acadêmica é estruturada pelas regras da argumentação, o blog é estruturado pelo tempo e impulsos do dia, documentando e não apenas estruturando o rastro do pensamento. Os blogs preferem focar em conexões e breves conjuntos dos pensamentos. Os *links* são então vitais para esse gênero. Se tirarmos os *links* dos blogs, nós teremos um diário virtual simplesmente, uma forma muito mais introspectiva e privada de escrita.

Mortensen e Walker (2004, p. 17) argumentam que essa noção das interligações (hipertexto) faz com que um blogueiro possa ser visto como a versão moderna dos rastreadores de Vannevar Bush: uma pessoa que liga dois documentos, anteriormente separados, criando um rastro ou caminho através deles para que outras pessoas sejam capazes de seguir. Algumas

dessas pessoas rastreadoras sentem prazer com a tarefa de estabelecer rastros úteis em uma enorme massa de registros. Essa tarefa de conectar informação que já está disponível é parte do trabalho de pesquisa também. Para pesquisadores que estudam os fenômenos *online*, o blog é perfeitamente aplicável para esse trabalho de conectar descobertas dispersas, ao mesmo tempo permitindo que essa informação seja compartilhada, promovendo discussões em torno do assunto.

CAPÍTULO 2 - BLOGS E BIBLIOTECÁRIOS

2.1 Utilização e aplicação

Adeptos da tecnologia, os bibliotecários estão entre os primeiros a utilizar os blogs como ferramentas de comunicação. Basicamente, existem dois segmentos referentes ao uso dos blogs pelos bibliotecários. Em bibliotecas que já utilizam essa tecnologia (nos Estados Unidos grande parte das bibliotecas possuem blogs incorporados aos seus *websites*²⁰), os blogs geralmente são utilizados como uma forma de ampliar os serviços da biblioteca ou um meio para que as pessoas tomem conhecimento de outros sites importantes. Os bibliotecários podem criar um blog para indicar novidades, fontes ou assuntos de interesse dos usuários, ou um quadro de avisos simples, com notícias sobre novas aquisições, eventos, horários de fechamento e abertura da biblioteca e outros.

A outra categoria refere-se aos blogs que são criados por bibliotecários com a intenção de promover uma comunidade profissional baseada no compartilhamento de informações. Nesta mesma categoria, inserem-se os blogs que são criados por razões estritamente pessoais.

Como bibliotecários, e em especial bibliotecários de referência, gastam muito tempo pesquisando, ao longo desse processo, eles poderão encontrar inúmeras fontes, notícias, *websites* interessantes e até mesmo, assuntos efêmeros que poderão ser de interesse próprio, e de outros bibliotecários.

²⁰ Blogging Libraries Wiki,
http://www.blogwithoutalibrary.net/links/index.php?title=Welcome_to_the_Blogging_Libraries_Wiki

Novamente evidencia-se que os blogs superam em eficiência as listas de discussão (ainda muito comuns no Brasil, entre os bibliotecários e acadêmicos da área) através de publicação extremamente veloz. Eles equivalem na *Web* a um sofisticado sistema de alerta. Bibliotecários que navegam pela rede podem publicar instantaneamente informações referentes a *websites* recém descobertos. Informações que não se enquadram à formalidade de algumas publicações - como as acadêmicas - encontram refúgio nos blogs.

O fato de a profissão ser baseada no valor do compartilhamento de informações, explica a razão de os blogs chamarem atenção dos bibliotecários:

Bem simples, blogs são um excelente meio de manter-se atualizado. Novidades aparecem nos blogs muito antes de se transformarem em documentos impressos, e em muitos casos, periódicos *online*. Visitando os blogs de outros bibliotecários, você ganha perspectiva de outros fazendo coisas relacionadas ao seu campo de trabalho, confrontando problemas em comum e encontrando soluções. Você também pode experimentar a grande diversidade de opiniões, experiências, perspectivas e personalidades que constroem a sua área. Bibliotecários são excelentes filtros de informação e confiar em um grupo seleto deles para adquirir informação diária, pode ser uma grande economia de tempo. Dito isso, lembre-se que os blogs são apenas uma das peças dentro da muito-bem-informada caixa de ferramentas dos bibliotecários (Schwartz, 2003).

Na concepção de Schwartz, existem algumas razões básicas que irão influenciar os bibliotecários até a construção ou participação em um blog, dentre as quais pode-se citar:

1. Escrever um blog manterá o bibliotecário atualizado.

Editar regularmente um blog implicará num processo de buscas por informação, novidades, acontecimentos e eventos.

2. Blogs funcionam como um instrumento advocatório.

Se o bibliotecário discorda de algo, e quer mudanças, terá que conversar sobre isso. Blogs são um grande fórum, não apenas para expor ao mundo os problemas enfrentados por bibliotecários e bibliotecas, mas também um meio para os bibliotecários expressarem suas idéias efetivamente.

3. Blogs constroem comunidades.

Independente daquilo que o bibliotecário escrever haverá pessoas interessadas. A comunidade dos bibliotecários já é bem estabelecida, e muitos deles têm interesse nas perspectivas de outros membros da classe. Provavelmente ele irá encontrar e estreitar laços com pessoas que você jamais encontraria em outras circunstâncias.

4. Você é único.

Um dos problemas na biblioteconomia é a existência de um esteriótipo (Barros, 2005), rotulado com a imagem de uma senhora de coque e óculos, com dedo em riste exigindo silêncio aos usuários da biblioteca. Publicar um blog é uma oportunidade para demonstrar a individualidade do bibliotecário e assim ajudar a destruir alguns mitos penetrantes e perversos.

5. Faça para você mesmo.

Não subestime o poder de escrever como uma catarse.

6. Facilidade de criação.

Existem muitas ferramentas que irão auxiliar e tornar a publicação um processo extremamente fácil.

A melhor coisa dos blogs e dos cruzamentos de blogs, é que eles refletem aquilo que os bibliotecários pensam: em associações ou *hyperlinks*. Hoje os blogs representam um modelo computacional com capacidade associativa inigualável a qualquer outro. E os bibliotecários melhor do que ninguém são capazes de decodificar elementos dentro de um excesso e espalhar ao mundo. Interessante como isso vinha sido feito usando tesouros extensivamente no passado, e agora nós vemos a importância de associações instantâneas e temporárias emergindo: um simples *link* em um blog corrente. É um círculo de conhecimento, dentro desta interminável constante enumeração de ligações de pensamento (Noel, 2004)

2.2 Referência digital colaborativa

Pomerantz e Stutzman (2004) argumentam que blog é uma ferramenta onde comunidades de caçadores e fornecedores de informação podem se encontrar. Blogs funcionam como organizadores de dados; cada elemento em um blog é um dado padrão que pode ser referenciado. Esses simples modelos de dados abertos permitem a criação de protocolos e ferramentas que ajudam no compartilhamento de informações.

Sendo assim, um blog define-se como um exercício de comunidade, englobando uma comunidade de leitores e de autores. Se um indivíduo questiona algo especificamente, bibliotecários e outros usuários poderão ler esse post e tentar respondê-lo. Dessa maneira, a blogosfera pode ser utilizada para criar uma “esfera de referência”, onde a transação da procura por informação pode ser conduzida como um exercício de comunidade.

A transação propriamente dita, conduzida eletronicamente, cria um artefato que pode ser armazenado até ser deliberadamente descartado. Esse simples fato possui duas importantes aplicações. Primeiro, o processo de referência uma vez capturado, poderá ser utilizado como uma fonte de informação. Segundo, é que as transações de referência e transações subseqüentes, tornam-se uma anotação para qualquer fonte de informação.

Apesar de não ser exatamente um blog, o maior exemplo desse modelo transacional, capaz de produzir fontes de informação de alta qualidade, é o Wikipedia²¹, resultado de um esforço colaborativo. Qualquer pessoa pode editar seu conteúdo - não havendo o risco de um termo ser mal elaborado, já que existe uma comunidade inteira fiscalizando o conteúdo. Em um blog, a decorrente contribuição de mais e mais pessoas relacionadas a uma dada questão, faz o emaranhado colaborativo crescer. Com o crescimento da teia, cada vez mais informações relacionadas à questão original são agregadas, pelas perspectivas de diferentes pessoas.

A completção é uma das medidas tradicionais de sucesso das transições referenciais; exatidão é outra. A vantagem dos blogs nesse respeito é que, na condição de exercício de comunidade, se uma informação imprecisa for publicada por uma pessoa, existe uma comunidade inteira que estará em posição de corrigir essa inexatidão. Dessa maneira, o emaranhado cresce em valor, já que com o tempo irá conter uma maior precisão de resposta.

²¹ Enciclopédia grátis online. Acessível em: <http://pt.wikipedia.org>)

Um usuário poderá postar em um blog de referência uma questão que está fora da “jurisdição” desse mesmo blog ou biblioteca. Entretanto, na blogosfera, esse post poderá ser automaticamente indexado em um meta-blog. O post poderá ser visto por bibliotecários ou usuários de outros blogs onde essa questão estará sob jurisdição. Assim, uma questão poderá ser eficientemente indicada de um serviço a outro sem nenhum esforço da parte do bibliotecário ou do usuário.

2.3 BSF – Bibliotecários Sem Fronteiras

O BSF²² foi concebido em 2002, como uma ferramenta para o compartilhamento de informações, com o intuito de ser um veículo que promove discussões em uma extensão além da comunidade acadêmica. A então graduanda em Biblioteconomia, Viviane Silva, tinha a intenção de tornar do interesse de mais pessoas a estética do seu curso, deliberadamente utilizando seu blog pessoal como uma introdução na explicação da essência da Biblioteconomia para leigos e estudantes – potenciais bibliotecários – e deixar que seguissem o desenvolvimento da tese eles próprios. Essa prática eliminava a tensão relacionada ao desconhecimento da profissão e o interesse em conhecê-la, por parte dos leigos. Ao mesmo tempo, o blog permitia que Viviane estabelecesse uma presença *online* permanente que provava que ela real, criando afiliações com seus leitores.

A presença *online* fez com que os *posts* publicados pela autora recebessem diversos comentários de visitantes que não pertenciam à área,

²² www.bsf.org.br

atendendo às intenções iniciais do blog. Entretanto, com a divulgação em listas de discussões da área e uma eficiente recuperação em máquinas de busca, estudantes e profissionais da Biblioteconomia passaram a conhecer e visitar o BSF, criando vínculos. Diego Abadan (2006), um dos editores iniciais, explica que com o crescimento das visitas de pessoas interessadas em Biblioteconomia (e que já a conheciam), o foco do blog foi modificando para discussões acerca de temas e notícias relacionadas à área.

Viviane conseguiu agregar um grupo de pessoas interessadas em colaborar na produção do blog, o que significou novas posições e pontos de vista, otimização técnica e menor dependência da autora para atualização do conteúdo. Desde então, o blog vem se desenvolvendo, alcançando a estrutura que possui atualmente.

O BSF se tornou uma comunidade de pessoas que queriam estar na frente de uma nova modalidade de expressão e comunicação. E essa modalidade não poderia existir sem uma estrutura e um foco. O espírito do BSF - após a fase inicial e entrada dos novos editores, com novas perspectivas, e a visitação por parte de pessoas que de alguma forma participam e atuam na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação - passou a ser o de divulgar informações dentro da área temática, para o maior número de pessoas possível e estimular a participação destas pessoas acerca das informações disponibilizadas. Esse foco promoveu uma série de decisões “administrativas”, conscientes ou não, que servem de base para a estrutura do blog.

Aos editores, cabia a responsabilidade e a liberdade de publicar conteúdo que pudesse atingir o maior número de pessoas. Para isso, as entradas precisavam ser interessantes. Cada editor decidia como publicar os *posts*, que poderiam ser um relato pessoal ou idéia trabalhada sobre um tópico; um *link* referenciando algo que o editor encontrou na Internet; uma notícia para um evento. Normalmente os editores mantêm um intervalo de tempo entre as publicações (entre os diferentes editores), para que a comunidade visitante seja capaz de absorver a informação disponibilizada e potencialmente discuti-la. Anteriormente, este trabalho era exercido pelos próprios editores, que comentavam os *posts* publicados por seus colegas (editores). Apesar do trabalho em conjunto, os editores só tomavam conhecimento das notas de um outro editor, quando esta fosse oficialmente publicada. E dessa forma, os autores constantemente passavam de editores para audiência e vice-versa. Esse espírito de camaradagem entre os autores, com o tempo, passou para os visitantes, e era natural e pretendido que isto acontecesse. O que acelerou o processo de participação da comunidade foi o fato de os editores conhecerem pessoalmente a maioria dos visitantes que comentavam os *posts*. Desta forma, o blog funcionava como uma forma assíncrona de conversação entre um grupo de amigos.

Os editores aproveitavam todas as oportunidades para divulgar o BSF, em conversas com os colegas de sala, trabalho, estágio e até apresentações em sala de aula e eventos. O blog passou a contar com um número de visitantes freqüentes significativo. Ainda assim, para os editores, o importante era não criar uma audiência, mas sim uma comunidade em que eles sentissem que tudo o que fosse escrito, pudesse ser parte de uma espécie de conversação.

Os dados estatísticos referentes aos números de visitas serviram de análise para uma série de pontos. Os editores perceberam que nem sempre um maior volume de *posts* em um pequeno espaço de tempo pode representar aumento nas visitas. Isso ocorria porque há alguns anos não existia uma cultura brasileira de consumo informacional na *Web*, principalmente em blogs, comparado com os parâmetros atuais. O público-alvo passou a ser uma preocupação, já que não adiantava somente publicar conteúdo de qualidade, se não houvesse pessoas para consumi-lo. A existência de uma barreira digital foi diminuindo aos poucos, com as pessoas fazendo uso mais intensamente de serviços na Internet (como Orkut e MSN) e solidificando seu tempo de permanência *online*²³. Um dos desafios era fazer com que as pessoas fossem capazes de encontrar o BSF, e mantê-las por perto. Os dados estatísticos fornecidos por programas especiais serviram especialmente para verificar não somente o número de visitas, mas de que forma as pessoas estavam acessando o BSF e o que as levou até lá.

A estrutura de rede da blogosfera torna menos dispendioso para os usuários obter informação. A blogosfera permite que argumentos e notícias interessantes alcancem o topo da popularidade dentro da própria esfera. Em função dessa distribuição dentro dos blogs, os usuários supostamente só precisariam visitar os “top” blogs para obter um sumário estatístico sobre a distribuição de informações. O BSF funciona exatamente desta maneira, agindo em duas frentes: por ser o blog pioneiro na área e presente no topo das pesquisas em máquinas de busca relacionadas a blogs de biblioteconomia ou assuntos especialmente novo, passou a ser

²³ http://old.idgnow.com.br/AdPortalv5/InternetInterna_241105.html?ChannelID=21080152

uma referência na distribuição de informação nova (tópicos emergentes) e atualizada (tópicos recentes) para os visitantes. Por muito tempo, por ser o único, os leitores visitavam o blog como um meio de obter informações circulantes na *Web*, sem ter que percorrer inúmeros sites para tanto. Ou seja, em uma frente, o blog atua como filtro e em outra, atua como um “top” blog referência, considerando que por muito tempo ele foi o único.

A participação conjunta dos editores representa uma vantagem na formulação de opiniões e distribuição de informação. Existe uma vantagem comparativa dos blogs com o mercado editorial especializado, que é o seu poder de publicação em tempo real e a baixíssimo custo. Seguindo imediatamente um evento de conseqüências importantes/efêmeras dentro da área, os editores possuem a habilidade de publicar suas reações antes que outras formas de divulgação façam.

Dois aspectos negativos influenciam o processo de edição. O primeiro é o fato de que os editores possuem recursos e tempo limitado à sua disposição. Uma entrevista, por exemplo, seria uma forma de publicar conteúdo de interesse de algumas pessoas, mas isso requer disponibilidade do entrevistado, do entrevistador e processamento da entrevista para publicação. É uma alternativa de edição que necessita de mais tempo e recursos do que a simples publicação de um post, e em conseqüência, utilizada raramente. Os editores precisam encontrar tempo livre para uso do computador em seus postos de trabalho ou casas, já que normalmente a edição envolve um processo de pesquisa e escrita que pode depender de um período de tempo, curto ou elevado, de acordo com o tópico a ser publicado. A falta de tempo também torna impossível o acompanhamento por parte dos editores de todas as notícias, eventos e tópicos importantes

abordados na área em um dado momento. O segundo fato é que a edição e manutenção do BSF permanecem amplamente como atividades voluntárias. Não existe compensação monetária, ao contrário, a maior parte dos custos de manutenção e hospedagem é assegurada pelos editores, com recursos próprios. Alguns blogs utilizam seus espaços para propaganda, que pode gerar algum tipo de renda. Os editores do BSF constantemente revêem a possibilidade de se abrir um espaço para propaganda no blog, que gere renda com base no número de visitas. O blog atualmente possui esse tipo de intervenção, mas a renda adquirida é direcionada para as cotas de hospedagem e manutenção.

O que tornou o blog popular não foi necessariamente sua distinção de estilo, mas a persistência: a manutenção de um blog minimamente interessante ao longo do tempo, o que aumentou sua chance de ser lido, e “linkado” para, e “blogado” por outros.

3 - PRECEITOS TEÓRICOS: HABERMAS, ESFERA PÚBLICA E BLOGOSFERA

O termo blogosfera foi concebido por Brad L. Graham, em 1999, e posteriormente redefinido por William Quick, em 2001, referenciando blogs políticos e warblogs (Wikipedia, 2006), enquanto que Steven Levy alertou sobre uma blog-esfera em um artigo da revista Newsweek de 2002, como um universo alternativo criado pela junção de centenas de milhares de blogs. Quick (2001) sugeriu chamar o “cyberspaço intelectual...que os blogueiros ocupam: a blogosfera”, tendo a expressão grega *logos* como uma referência à participação em argumentos racionais, como proposto pelos sofistas. Um *website* técnico direcionado para profissionais da *Web* definia a blogosfera como “um termo que alguns autores utilizam para descrever o jornalismo interativo tornado possível pelos participantes em blogs”. (Roth, 2004)

As esferas têm sido utilizadas há muito tempo no discurso do dia-dia para representar o mundo em qual existe os relacionamentos de um indivíduo. Quando acadêmicos da comunicação se deparam com o termo esfera, eles tendem a pensar em Jürgen Habermas e o impacto da opinião pública, ou a esfera pública.

Para Habermas, a esfera pública (burguesa) é a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; um domínio da vida social em que a opinião pública pode ser formada (1984, p.42). Esse domínio é acessível a todas as pessoas. Ele percebe como a burguesia vivendo dentro dos regimes absolutistas no final do Séc. XVIII compõe uma arena discursiva de grupos civis exigindo liberdade de expressão, constitucionalismo e

outros direitos democráticos. De acordo com a sua teoria, a liberalização do mercado desde a Idade Média fez crescer a “sociedade civil”, um processo enriquecido pelo fortalecimento de fóruns agregando indivíduos, como as casas de café (coffee houses) e salões literários, onde eles engajavam em assuntos além daqueles sancionados por padrões econômicos, tutores religiosos e líderes de Estado.

Apesar de nem todas as classes sociais estarem representadas – o termo no senso de esfera “pública” jamais representou um grupo igualitário -, apenas nesse momento na história “a esfera privada se emancipou dos domínios da autoridade pública em uma extensão que a esfera política pública poderia alcançar seu completo desenvolvimento. De acordo com Habermas, a burguesia aprendeu a arte do debate crítico-racional em associação com os aristocratas, que se misturavam com os burgueses (1984, p.46-52), artistas e intelectuais nos salões (França), coffee houses (Inglaterra), e as sociedades de tábola (Alemanha). As discussões promovidas entre os burgueses e as opiniões que eles produziam se espalhavam ao público através da imprensa, e permitia que o público afetasse o processo de tomada de decisão, mesmo que no final a decisão coubesse às “autoridades”. Habermas estabelece três critérios presentes nestes ambientes críticos: primeiro, os ambientes preservaram um tipo de relacionamento social que, longe de pressupor a igualdade do status, desconsiderava o status por completo. (1984, p.51) Segundo, as discussões ocorrendo nesses ambientes eram responsáveis pelo debate de problemas jamais discutidos anteriormente. (1984, p.52) Terceiro, a percepção do princípio do público como sendo inclusivo, não exclusivo.

O que realmente revolucionou foi a capacidade das pessoas de engajarem no debate independente de suas posições, ocorrer emancipação na participação e no potencial para mobilização.

A esfera pública (no Séc. XVIII) entra em colapso quando os ambientes de discurso público que Habermas argumentava (em 1962) serem tão essenciais para a formação de uma esfera pública crítica falham com a diminuição do papel de comunidade e dos indivíduos, consequência da expansão do comercialismo e da mídia de massas.

Em um dos primeiros estudos sobre blogs, Mortensen e Walker (2002) consideraram a Internet, onde os indivíduos são capazes de publicar suas vidas para o mundo ver, como um renascimento da esfera pública de Habermas. Dahlberg (2001) percebe que “a Internet facilita o discurso que tem como referência a estrutura básica do debate racional-crítico, e que em várias maneiras se aproxima aos requisitos da esfera pública”.

Lee Salter escreve que a Internet é um meio que promove a racionalidade comunicativa, ou o ideal Habermasiano de que, comunicando com um outro indivíduo, o argumento levantado “prevalece ou falha de acordo com o poder do melhor argumento” (Salter, 2003, p.121). Na esfera pública, o passado e o status do discursador não eram importantes. A razão era único fator a ser levado em conta. A meritocracia era sempre o objetivo. A esfera era inclusiva no começo, apesar de na realidade essa inclusão ser limitada aos que possuíam propriedades e educação. Mas a completa participação do público não era um requisito para que a esfera de Habermas funcionasse. Contanto que os que

participam mantenham a esfera, e contanto que a esfera funcione como um todo, então os indivíduos não precisam estar tão bem informados quanto o grupo (Rutigliano, 2004).

Em outra perspectiva, Papacharissi (2002) identifica três pontos contraditórios entre a Internet e a esfera pública. Um é que, apesar da Internet permitir grande volume de armazenamento de informações, acesso e acessibilidade tendem a ser desiguais. Segundo, apesar de as pessoas poderem se comunicar com maior facilidade através das tecnologias da Internet comparado com tecnologias anteriores, pode haver uma fragmentação da audiência. O terceiro problema é que qualquer esfera pública *online* vai enfrentar os problemas da esfera pública burguesa de Habermas, e ser corrompida pelo comercialismo.

Mortensen e Walker concordam que no mundo moderno da mídia de massa, indivíduos perderam a noção de participação no discurso público. Os blogs, entretanto, resgatam os ambientes de crítica do começo dos anos de 1800, onde problemas privados podiam ser discutidos e conseqüentemente transformados em problemas públicos. Os blogs podem ser considerados análogos aos coffee houses, salões e távolas: uma zona agitada entre as esferas pública e privada. Um blog expressa as atitudes e convicção de seu autor individual enquanto pertence ao domínio público e levanta questões que podem ser de interesse público. O blog conecta a arena pública com os indivíduos (Mortensen e Walker, 2002). Nesse sentido, está assegurada a idéia de que os blogs vão de encontro aos preceitos da esfera pública de Habermas.

3.1 BSF como esfera pública

De acordo com a conceitualização de Habermas, pode-se considerar os seguintes pontos, aplicáveis a uma esfera pública de caráter *online*: esferas públicas são espaços de discurso, geralmente mediados; esferas públicas geralmente permitem novas discussões, anteriormente excluídas; os pontos discutidos normalmente são de natureza política; as idéias são julgadas por meritocracia, não pela posição do discursador (POOR, 2005).

Considerando que existem múltiplas esferas públicas, potencialmente existem múltiplas escolhas disponíveis para estudos na Internet. Uma esfera pública *online* ainda é uma esfera pública, e dessa forma precisa ir ao encontro dos critérios básicos dos conceitos da esfera pública.

Em uma esfera (infraestrutura) compreendendo diversas estruturas, as pessoas podem ser divididas de acordo com seus interesses ou identidades. Os delimitadores comuns são raça, etnia, classe, gênero, língua, nacionalidade e religião. Esses são, na terminologia de Dahlgren (2001) “temas públicos”, com as esferas públicas sendo formadas em torno de temas de interesse, exatamente como a esfera pública burguesa de Habermas era um tema público formado em torno de temas de interesse à burguesia européia naquele momento, essencialmente comércio e política. Dentro dessa estrutura de esfera pública, o BSF pode ser visto como um tema público onde a temática é concernente à Biblioteconomia e Ciência da Informação. Verificaremos se o BSF pode ser entendido como uma esfera pública *online*, de acordo com os pontos propostos por Habermas.

Em relação ao primeiro critério referente à conceitualização de Habermas (esferas públicas são espaços de discurso, geralmente mediados) – aqui são utilizados apenas os critérios de Habermas, visto que os critérios de Dahlgren focam mais em uma esfera pública única e menos em uma esfera com estrutura múltipla de esferas públicas, como a Internet - o BSF é um blog dedicado ao compartilhamento de assuntos relacionados à Biblioteconomia e Ciência da Informação. Os blogs consistem (no *strictu sensu*) de publicações acompanhadas de comentários dos visitantes, e réplicas para esses comentários. Podemos considerar esse processo de publicação e respostas como uma discussão, e mediada por definição. A diferença no BSF e nos blogs em geral, é que os editores não exercem papel de mediadores entre duas partes. Na verdade, o próprio blog, a ferramenta, o faz. Os editores publicam suas idéias, se colocando em um lado da discussão. Aqueles que discordam das idéias dos editores, podem criticá-las, se posicionando no outro lado da discussão. Os editores disponibilizam conteúdo, que gera o processo de discussão e ainda, participam dos comentários. Desta forma, podemos afirmar que o BSF atende ao primeiro critério da esfera pública, como sendo um espaço mediado de discurso, notando que o blog BSF é, ao mesmo tempo, o espaço para discurso e o mediador natural, um processo que envolve a comunidade participante – editores e leitores – e a própria ferramenta.

Quanto ao segundo critério (esferas públicas geralmente permitem novas discussões), é correto afirmar que o BSF promove discussões novas, precisamente assuntos marginalizados ou excluídos por não se ajustarem aos moldes tradicionais de comunicação científica e comunicação de mídia. A cultura e ferramenta dos blogs conferem velocidade à difusão da

informação, enquanto que o processo de pesquisa e publicação acadêmica requer mais tempo para processamento da (mesma) informação e uma abordagem mais profunda. As discussões no BSF se dão tanto no âmbito da emergência (novas temáticas) quanto da atualidade (temáticas mais recentes). Além disso, existe a preocupação entre os editores para a publicação de conteúdo que os visitantes não encontrariam em outros lugares.

O terceiro critério confere natureza política aos pontos normalmente discutidos em uma esfera pública. Esse não é o caso do BSF, que não possui uma postura ideológica ou de defesa política, apenas com o objetivo de que pontos políticos possam também ser objetos de discussão. Alguns tópicos podem estar relacionados à política, como por exemplo, a condição de bibliotecas vinculadas a resoluções governamentais ou condutas profissionais regulamentadas pelos conselhos de classe, e defesa do uso de *software* livre, que possui implicações legais. Mas em essência, esse critério não se aplica ao BSF.

O quarto critério (as idéias são julgadas por meritocracia, não pela posição do discursador) talvez seja o que mais importante ao BSF, porque em nenhum momento existe julgamento dentro das discussões. Os comentários em uma discussão são julgados apenas por seus próprios méritos, com um emaranhado de discussão crescendo em torno de posições individuais. O critério de julgamento era importante na descrição original de Habermas sobre a esfera pública, e ainda é importante para a esfera acadêmica. O BSF representa em larga escala uma fuga do modelo acadêmico, e uma das razões é a existência de um ensino nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação altamente focado para o

universo acadêmico e cultura de autoridade acadêmica. Caruso (2006) critica uma cultura de atenção do superior, em que ascensão profissional e acadêmica está vinculada em cumprir com procedimentos e se associar ao “clube certo”. É um perfil que só existe em cursos da área de Sociais e Humanidades, que possui um corpo ideologicamente engajado com a manutenção de um status de interesse restrito. Ou seja, o ensino não é baseado nas idéias ou na meritocracia, mas na autoridade hierárquica e histórica do comprometimento. É exatamente o oposto ao que ocorre no processo de transmissão de informação dentro do BSF. A única postura autoritária é a não permissão de publicações de conteúdo por parte dos visitantes, tarefa atribuída exclusivamente aos editores. Os editores por sua vez, recorrem ao blog como um meio para se fazerem presentes e garantir visibilidade às suas idéias dentro da esfera pública da Biblioteconomia (aqui, abrindo para a esfera não *online*). Na mesma esfera, porém na gama acadêmica, é provável que os editores do blog se fizessem ouvir apenas inseridos num contexto de comunicação científica que sabemos ser muito restrito. Além, no blog cada uma das informações publicadas é passível de crítica e aberta à discussão pública sem qualquer tipo de moderação.

Essas considerações garantem uma sustentação para o conceito e concede ao BSF a condição de esfera pública *online*, já que vai ao encontro dos critérios propostos por Habermas.

CONCLUSÃO

Os novos serviços que recentemente emergiram causaram uma série de transformações na *Web*. A transformação, entretanto, não é baseada apenas em mudanças tecnológicas, mas principalmente, em uma mudança de mentalidade. Os aspectos de participação do usuário e a transparência são o que as comunidades na *Web* possuem em comum. Basicamente, qualquer usuário da Internet pode criar um novo blog. Então, a atitude dos usuários se modificou já que agora eles tornam a informação que produzem disponível ao público. Com estas novas tecnologias, o fluxo de conteúdo não é mais necessariamente “top-down” (de cima para baixo), dos produtores tradicionais para os leitores. Um número crescente de usuários se torna escritores e contribuem com novo conteúdo. Assim, um movimento de “bottom-up” (de baixo para cima) pode ser observado, onde os consumidores passam a produzir a informação que é distribuída entre outros usuários até que seja resgatada pela mídia de massa.

Seguindo este movimento, evidencia-se o potencial dos blogs em servir como um componente da esfera pública, já que estas ferramentas oferecem uma oportunidade para idéias alternativas, pensamento crítico e discussão pública sobre diversas temáticas. Os blogs são espaços públicos democráticos que qualquer pessoa com acesso à Internet pode participar do diálogo, facilitando o movimento de idéias através de conversação e formação de opinião dentro da arena pública - de maneira bastante similar (como demonstrado) aos conceitos da esfera pública visionados por Habermas.

Analisando certos pontos, verificamos que os blogs possuem deficiências. Alguns críticos argumentam que uma divisão digital existe separando aqueles com acesso daqueles que não o possuem. A blogosfera pode ser capaz de aumentar ainda mais o abismo referente ao acesso ao conteúdo oferecido por ela, criando uma nova gama de excluídos digitais que são incapazes de acompanhar transformações, informações e introspecções que somente os blogs são capazes de oferecer. Surgem dados que indicam a existência de uma elite de blogueiros e produtores de conteúdo²⁴. Por outro lado, os blogs oferecem inúmeras vantagens para a produção de informação, o processo de disseminação e a conseqüente produção do conhecimento. Com o foco na divulgação e compartilhamento de informações, os blogs têm o potencial para serem encarados como uma frente equalizadora entre os acadêmicos e não acadêmicos, por exemplo. Já existe uma enorme variedade de blogs produzidos por cientistas e acadêmicos, de diversas áreas do conhecimento²⁵. A tendência é que esta modalidade se solidifique, representando um novo modelo estável de compartilhamento de informação, e ainda, auxiliar na promoção de blogs produzidos por profissionais liberais e discentes.

Além de demonstrar que os blogs representam um resgate do conceito de esfera pública de Habermas e verificar se o BSF poderia ser considerado uma esfera pública *online*, o essencial é notar como o BSF exerce uma posição de destaque dentro de uma esfera pública *online* brasileira, com temática em Biblioteconomia e Ciência da Informação. O BSF é uma excelente fonte de informação secundária ou terciária. Grande

²⁴ <http://technology.guardian.co.uk/weekly/story/0,,1823959,00.html>

²⁵ <http://www.crookedtimber.org/academic-blogs/>

parte das informações (excetuando aquelas geradas em discussões sobre tópicos específicos) pode ser encontrada em outros lugares, mas o blog realiza o processo de pesquisa, filtra e concentra a informação dentro da ferramenta, de forma que se torna um espaço referência de compartilhamento de informação, permitindo e promovendo discussões em torno do conteúdo disponibilizado.

A blogosfera ainda é jovem, mas mostra sinais de potencialidade evoluindo para uma esfera pública “miniatura”, uma esfera de interesses compartilhados. O crescimento da cultura de blogs contribui para o enriquecimento desta esfera pública. O crescimento dentro da esfera biblioteconômica deverá comportar e promover o surgimento de novos blogs produzidos por acadêmicos, profissionais e estudantes da área, agregando novos leitores e participantes da esfera pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS CITADAS

ABADAN, Diego. **BSF** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por abadan@ig.com.br em 12 jun. 2006.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Imagem e popularização**: a questão dos estereótipos entre os profissionais da Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www.bsf.tehospedo.com.br/ojs/viewarticle.php?id=8&layout=abstract>>. Acesso em: 28 set. 2005.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs**: a history and perspective. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html> Acesso em: 22 ago. 2003.

_____. How blogging software reshapes the online community. **Communications of the ACM**. December 2004/Vol. 47, No. 12. p.53. Disponível em: <http://portal.acm.org/ft_gateway.cfm?id=1035165&type=pdf&coll=portal&dl=GUIDE&CFID=11111111&CFTOKEN=22222222>. Acesso em: 24 nov. 2005.

CARUSO, Fabiano. **ExtraLibris** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por caruso@gmail.com em 20 jun. 2006.

DAHLBERG, Lincoln. Computer-mediated communication and the public sphere: A critical analysis. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 7 (1). Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol7/issue1/dahlbergold.html>>. Acesso em: 14 maio 2006.

DAHLGREN, Peter. The public sphere and the net: Structure, space, and communication. In W. L. Bennett & R. M. Entman (Eds.), **Mediated Politics: Communications in the Future of Democracy** (pp. 33-55). Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <<http://books.cambridge.org/0521789761.htm>>. Acesso em: 14 maio 2006.

DREZNER, Daniel, FARRELL, Henry. **The power and politics of blogs.**

Disponível em:

<<http://www.danieldrezner.com/research/blogpaperfinal.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2006.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERRING, S.C., SCHIEDT, L.A., BONUS, S., WRIGHT, E. (2004). Briding the Gap: A Genre Analysis of Weblogs. **Proceedings of the 37th Hawaii International Conference on Systems Sciences.** Disponível em:

<<http://www.ics.uci.edu/~jpd/classes/ics234cw04/herring.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2005.

ITO, Joichi. Weblogs and emergent democracy. **21st Chaos Communication Congress**, 2004. Disponível em:

<http://www.ccc.de/congress/2004/fahrplan/files/243Emergent_Democracy.pdf>.

Acesso em: 11 maio 2006.

KEREN, Michael. Blogging and the Politics of Melancholy. **Canadian Journal of Communication**, vol. 29, p. 5-23, 2004. Disponível em: <

<http://www.cjc-online.ca/include/getdoc.php?id=1043&article=856&mode=pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2006.

KNAUSS, Greg. **Referential vs. Experiential bloggers.** Disponível em:

<<http://www.kottke.org/remainder/06/04/10803.html>>. Acesso em: 13 abr. 2006.

KOLBITSCHA, Josef; MAURER, Hermann. The transformation of the Web: how emerging communities shape the information we consume. **Journal of Universal Computing Science**, volume 12, issue 2, 2006. Disponível em: <

http://www.jucs.org/jucs_12_2/the_transformation_of_the/jucs_12_02_0187_0214_kolbitsch.html>. Acesso em: 27 maio 2006.

KOTTKE, Jason. **Writers and editors.** Disponível em:

<<http://www.kottke.org/06/04/writers-and-editors>>. Acesso em: 18 abr. 2006.

KUMAR, Ravi, NOVAK, Jasmine, RAGHAVAN, Prabhakar, TOMKINS, Andrew. On the bursty evolution of blogospace. **International World Wide Web Conference. Proceedings of the 12th international conference on World Wide Web**. Hungria, 2003. Disponível em: <http://portal.acm.org/citation.cfm?doid=775152.775233>>. Acesso em: 14 jun. 2005.

MEAD, Rebecca. You've Got Blog: how to put your business, your boyfriend, and your life on-line. **The New Yorker**, November 13, 2000. Disponível em: http://www.rebeccamead.com/2000_11_13_art_blog.htm>. Acesso em: 25 ago. 2003.

MORTENSEN, Torill, WALKER, Jill. **Blogging thoughts**: personal publication as an online research tool. Disponível em:< http://www.intermedia.uio.no/konferanser/skikt-02/docs/Researching_ICTs_in_context-Ch11-Mortensen-Walker.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2006.

NOEL, Steven. **Blogs and librarians**. Disponível em: <http://blogs.cocoonddev.org/steven/archives/000904.html>>. Acesso em: 6 fev. 2004.

POMERANTZ, Jeffrey; STUTZMAN, Frederic. **Lyceum: A blogosphere for library reference**. Disponível em: <http://www.ils.unc.edu/jpom/conf/JCDL2004.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2004.

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual sphere: The Internet as a public sphere. **New Media & Society**, 4 (1), 2002. p.9-27. Disponível em:< <http://nms.sagepub.com/cgi/reprint/4/1/9>>. Acesso em: 21 maio 2006.

POOR, Nathaniel. Mechanisms of an online public sphere: The website Slashdot. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 10(2), article 4. 2005. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue2/poor.html>>. Acesso em: 12 fev. 2006.

RECUERO, Raquel da Cunha .Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação. XXVI INTERCOM, Belo Horizonte, setembro de 2003. Disponível em: <

<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webringseredes.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2005.

ROTH, Marci McCoy. **How journalists see the Blogosphere**. Disponível em: < <http://www.asc.upenn.edu/usr/mmccoy/blogs.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2005.

RUTIGLIANO, Lou. **When the Audience is the Producer**: The art of the Collaborative Weblog. Disponível em: < http://banners.noticiasdot.com/termometro/boletines/docs/marcom/comunicacion/utexas/2004/utexas_audienceproducer.pdf>. Acesso em 22 dezembro 2005.

QUICK, William. **DailyPundit**. Disponível em: <http://www.iw3p.com/DailyPundit/2001_12_30_dailypundit_archive.php#8315120>. Acesso em: 15 mar. 2006.

SALTER, Lee. Democracy, New Social Movements, and the Internet. A Habermasian Analysis. In M. McCaughey & M. Ayers (Eds.), **Cyberactivism: Online Activism in Theory and Practice**. Routledge: New York. p.117-144.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHWARTZ, Greg. **Blogs for libraries**. Disponível em: <http://webjunction.org/do/DisplayContent?id=767>. Acessado em: 14 set. 2003.

WINER, Dave. **What are weblogs?** Disponível em: <<http://newhome.weblogs.com/personalWebPublishingCommunities>>. Acesso em: 19 nov. 2004.

WIKIPEDIA. **Blogosphere**. Disponível em: < <http://en.wikipedia.org/wiki/Blogosphere>>. Acesso em: 14 maio 2006.

OBRAS CONSULTADAS

ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão comunicativa e teoria social em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. O fenômeno informacional na Ciência da Informação: abordagem teórico-conceitual. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA; EDFAMA, 2002. p.11-34.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunic., Saúde, Educ. Educ.**, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

HABERMAS. Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet (Org.) Florestan Fernandes (Coord.) Coleção grandes cientistas sociais, n. 15. Ed. Ática. 3. ed. 1993.

KEREN, Michael. Blogging and the Politics of Melancholy. **Canadian Journal of Communication**, vol. 29, p. 5-23, 2004. Disponível em: <<http://www.cjc-online.ca/include/getdoc.php?id=1043&article=856&mode=pdf>>. Acesso em: 13 abril 2006.

KOLBITSCHA, Josef; MAURER, Hermann. The transformation of the Web: how emerging communities shape the information we consume. **Journal of Universal Computing Science**, volume 12, issue 2, 2006. Disponível em: <http://www.jucs.org/jucs_12_2/the_transformation_of_the/jucs_12_02_0187_0214_kolbitsch.html>. Acesso em: 27 maio 2006.

RECUERO, Raquel da C. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. **Revista 404notfound - Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa**. Edição 31, agosto de 2003. Disponível em http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404_31.htm

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. In: VII Seminário

Internacional da Comunicação, 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2003. Disponível em:<http://www.pesquisando.atraves-da.net/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2006.